



## **“Meu caro Domingos” – as cartas de João Cabral para Domingos Carvalho da Silva**

### ***“My dear Domingos” – The Letters from João Cabral to Domingos Carvalho da Silva***

Laíse Ribas Bastos

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/ Brasil  
laiserb@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5550-7499>

Maria Lucia de Barros Camargo

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina/ Brasil  
mlbcamargo@uol.com.br

<http://orcid.org/0000-0001-8659-7167>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é apresentar um conjunto de cartas (inéditas) enviadas pelo poeta João Cabral de Melo Neto ao também poeta e editor Domingos Carvalho da Silva, procurando identificar e investigar as nuances e singularidades da perspectiva crítica em relação à então conhecida “Geração de 45”. A partir da conversa estabelecida entre os poetas nas cartas, e tendo em vista, portanto, a leitura e análise da correspondência passiva de Domingos Carvalho da Silva, em um período que abrange o final da década de 1940 até a década de 1960, é possível verificar a configuração de uma história paralela à já conhecida em torno dos “poetas de 45”, e perpassar todo esse período, ressignificá-lo na perspectiva de um pensamento que se faz, também, com a poesia.

**Palavras-chave:** poesia brasileira; geração de 45; correspondência; João Cabral de Melo Neto; Domingos Carvalho da Silva.

**Abstract:** The aim of this paper is to present a set of unpublished letters sent by the poet João Cabral de Melo Neto to the poet, editor and critic Domingos Carvalho da Silva, seeking to identify and investigate the nuances and singularities of the critical perspective in relation to the then-known “Generation of 1945”. Based on the conversation established between the poets in the letters, and in view, therefore, of the reading and analysis of the

passive correspondence of Domingos Carvalho da Silva, in a period that covers the late 1940s until the 1960s, it is possible to verify the configuration of a parallel story to that already known around the “poets of 45”, and to go through this whole period, to re-signify it from the perspective of a thought that is also made with poetry.

**Keywords:** Brazilian poetry; generation of 1945; correspondence; João Cabral de Melo Neto; Domingos Carvalho da Silva.

Em 19 de fevereiro de 1947,<sup>1</sup> prestes a se mudar para Barcelona, o jovem poeta e diplomata João Cabral de Melo Neto escreve uma pequena carta, com uma única página manuscrita em letras miúdas, para o também poeta e crítico Domingos Carvalho da Silva, respondendo a perguntas sobre assuntos de imigração que Domingos lhe fizera e agradecendo o envio da “excelente” tradução do Neruda.<sup>2</sup> Mesmo admitindo desconhecer o original, reitera o elogio: “não tenho hesitação em chamá-la excelente. Não se nota nenhum excesso de palavras, coisa rara em nossos tradutores”, dizia ele a Domingos, despedindo-se, ao final, com outro elogio: “em Barcelona estarei aguardando suas ordens, suas notícias e, sobretudo, sua bela literatura”.

Esta carta, embora seja a mais antiga dentre as 21 cartas e 1 cartão postal enviados por João Cabral para Domingos e reunidos nos arquivos deste último,<sup>3</sup> todas elas manuscritas, não é a “carta inaugural” dessa conversa entre ambos e permite ver que já existe uma correspondência em andamento, de que não temos outros registros. O tratamento “Prezado Domingos”, que abre esta missiva, será substituído, em todas as outras, pelo mais amigável “Meu caro Domingos”, nessa correspondência que durará até 22 de outubro de 1968, data da última carta inserida no arquivo, na qual

---

<sup>1</sup> O manuscrito está datado “19.2.1946”, um equívoco evidente, já que a mencionada mudança de Cabral para Barcelona ocorre em 1947. Para a transcrição desta e das demais cartas citadas utilizamos a atual ortografia da língua portuguesa.

<sup>2</sup> Domingos Carvalho da Silva traduziu *20 poemas de amor e uma canção desesperada* de Pablo Neruda, publicada pela Editora Martins, de São Paulo, em 1946.

<sup>3</sup> A correspondência passiva de Domingos Carvalho da Silva, um conjunto de mais de 900 cartas agrupadas pelo próprio poeta em 8 pastas, faz parte do arquivo particular de Antonio Fábio Carvalho da Silva (filho de Domingos), que permitiu às autoras a consulta, bem como a guarda temporária, deste material. Deixamos registrado aqui nosso agradecimento a Antonio Fábio. Faremos referência a esse conjunto como “arquivo DCS”.

Cabral lamenta a morte de Manuel Bandeira e lembra da última vez em que haviam se encontrado:

Soube da morte do Manuel e fiquei tristíssimo. Eu havia estado com ele na véspera de voltar do Rio, em fins de outubro, e o achei bastante mal. Principalmente, deprimido e cansado de viver. Só o vi rir quando comentou o que estaria pensando o meu trisavô Diogo Soares de Albuquerque (bisavô dele, Manuel) ao ver que em cada geração um descendente dele entra na Academia (o primeiro foi um neto dele o Souza Bandeira, tio de Manuel).<sup>4</sup>

Assim como o endereçamento, as assinaturas de todas as cartas – João Cabral de Melo ou simplesmente João Cabral – vêm precedidas de expressões de afetividade, que variam do inicial “Aceite um abraço do amigo” a fórmulas como “Um abraço afetuoso do seu”, ou ainda mais enfáticas como “Receba um grande abraço de seu amigo e admirador, de sempre”, que não deixam dúvidas quanto à afabilidade instaurada entre os missivistas, ultrapassando as convenções de mera cortesia. Em algumas cartas, as fórmulas de despedida abrangem, além de lembranças e abraços extensivos aos “amigos de São Paulo”, a esfera familiar de ambos, como em 24 de agosto de 1956: “Stell (sic) pede que a recomende à Inêz”, – incluindo nas relações de amizade às respectivas esposas. É interessante constatar que foi Carlos Drummond de Andrade quem sugeriu ao poeta paulista, em carta de 04 de agosto de 1945,<sup>5</sup> que enviasse o livro *Rosa extinta*, publicado em 1945 (dedicado por Domingos ao próprio Drummond), a João Cabral, informando-lhe inclusive o endereço de Cabral no Rio de Janeiro. Era a época em que Cabral e Drummond, ambos funcionários públicos, conversavam quase diariamente.

Tratando dos assuntos em comum – a vida literária, a publicação de poesia e de revistas de poesia, o momento presente da literatura brasileira, entre outros – as cartas de João Cabral a Domingos Carvalho da Silva revelam, mais do que a afabilidade no trato, uma grande camaradagem, apesar

---

<sup>4</sup> Como se sabe, Manuel Bandeira falecera em 13 de outubro de 1968 e João Cabral fora eleito para a Academia Brasileira de Letras em 15 de agosto do mesmo ano.

<sup>5</sup> Carta inédita de Carlos Drummond de Andrade a Domingos Carvalho da Silva; as cartas e cartões de Drummond presentes no arquivo DCS perfazem 21 itens, enviados entre 1944 e 1974, e não serão objeto de estudo neste ensaio.

das diferenças de realização poética facilmente constatáveis entre ambos e das tensões existentes no campo literário à época. Além das referências aos “amigos de São Paulo”, que são abundantes, a ideia de pertencimento a uma “família geracional” é reiterada em várias missivas, embora não sem críticas, tampouco sem consciência de que tal pertencimento não significava identidade de princípios e práticas poéticas. Um bom exemplo dessa crítica, talvez a mais contundente, se encontre na carta enviada de Barcelona em 20 de fevereiro de 1950:

Gostei muito dessa “Praia Oculta”.<sup>6</sup> Principalmente por uma coisa: porque ele é muito melhor que a sua coleção anterior de poemas. Essa é mesmo a melhor qualidade que se pode encontrar num poeta de nossa idade: verificar que melhora. Porque, que coisa mais desanimadora do que receber, de um amigo, um livro que mais parece um pedaço do último que nos mandou? Isso está bem para um Manuel Bandeira, cujos livros posteriores a *Libertinagem* continuam este; para um Carlos, um Schmidt, um Murilo. Mas ver isto num mais jovem – e é a restrição que faço a um Bueno de Rivera, a um Lêdo Ivo – é um pouco desanimador. Porque nossa idade é ainda inconformista e o inconformismo consigo mesmo é a melhor prova de inconformismo. É um pouco desonesto isso de uma pessoa aos 30 anos (minha idade, e sua também, creio) estar contente consigo mesmo.

Infelizmente desta carta, incompleta no arquivo DCS, resta apenas a primeira página, cujo último parágrafo, que acrescenta mais elogios ao “Praia oculta”, não pode ser lido integralmente: um rasgo no canto esquerdo inferior da folha subtrai-lhe algumas palavras. Mas ainda podemos ler que “Essa foi a principal impressão que recebi de seu livro. Gostaria também de falar de outra coisa: o modo como, uma maior maestria fez sua poesia [...] interessada, mais pura. Este fenômeno apenas o [...] observando. E V. ficará espantado se eu lhe [...]”. Teria ficado a poesia de Domingos “menos interessada” para tornar-se “mais pura”? E a incompletude da carta apenas aguça nossa curiosidade acerca do que poderia espantar o poeta paulista

---

<sup>6</sup> *Praia oculta*, livro de poemas de Domingos publicado pela Editora Brasiliense em 1949, obteve em 1950 o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras. O livro anterior do mesmo poeta foi o já citado *Rosa extinta*, publicado pela Livraria Martins Editora, de São Paulo, em 1945, cuja dedicatória, já mencionada, diz: “Ao poeta CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE oferece e consagra o autor.”

na leitura que Cabral faz de “Praia oculta”. Não pretendemos, aqui, fazer conjecturas sobre a falta, mas é inegável que o que restou dessa carta nos aponta, de um lado, para uma distinção entre a poesia de Domingos Carvalho da Silva e a de outros poetas integrantes da mesma geração, aqueles que não se renovam, ao mesmo tempo que mantêm a proximidade entre ambos os missivistas, ainda que pela idade, “nossa idade”, ou mesmo por praticarem uma poesia, digamos, em progresso; por outro lado, expressa claramente a força das referências modernistas de poetas atuantes para ambos: Bandeira, Drummond, Schmidt, Murilo.<sup>7</sup>

Dentre os poetas da “Geração de 45”, Domingos Carvalho da Silva pode ser considerado, como assinala Luciana Stegagno-Picchio em *História da Literatura Brasileira*, um daqueles que estão quase, senão totalmente, esquecidos ou “desaparecidos do panorama literário” (2004, p. 591). Stegagno-Picchio também lembra, na mesma obra, a agitação crítica que se formou na segunda metade da década de 1940 em torno de algumas revistas de poesia e crítica literária de diferentes regiões brasileiras, as quais funcionavam também como veículo de circulação das ideias e novas propostas dos poetas da então “Geração de 45”, dentre as quais a já citada *Revista brasileira de poesia*, na qual está publicada a conferência de Domingos Carvalho da Silva no I Congresso Paulista de Poesia, “Há uma nova poesia no Brasil”, momento em que então propõe o termo “Geração de 45”. Não se trata, aqui, evidentemente, de qualquer tentativa de resgatar o autor do possível “esquecimento” no sentido de uma monumentalidade, ou, ainda, de reivindicar-lhe outro lugar na história. Trata-se de ampliar as possibilidades de leitura dessa mesma história, de estender e aprofundar a perspectiva crítica de determinados contextos da literatura, bem como de lidar com a complexidade da própria vida literária.

Domingos Carvalho da Silva nasceu em Portugal e foi trazido aos 9 anos de idade para o Brasil, mais especificamente, para São Paulo, cidade

---

<sup>7</sup> Benedito Nunes tratou do vínculo de João Cabral com a “geração de 45”, reiterando a forte relação entre os poetas que surgem na década de 1940 e “os modernistas, sobretudo Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Jorge de Lima e, por extensão, Cecília Meireles, [que] já tinham sido lidos pelos seus sucessores da nova geração de que eram contemporâneos e que agora entravam em contato com Paul Valéry e Rilke, descobriam Fernando Pessoa e familiarizavam-se com os hispânicos Garcia Lorca, Jorge Guillén e Pablo Neruda.” (NUNES, 2007, p. 142)

onde cresceu, se formou advogado, passou a escrever poesia, a publicar seus primeiros livros de poemas e a atuar expressivamente na cena literária brasileira. Naturalizado brasileiro, Domingos dá início a suas atividades literárias ainda na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, na segunda metade da década de 1930, quando e onde conhece Péricles Eugênio da Silva Ramos, com quem compartilhou, também em São Paulo, a fundação da *Revista brasileira de poesia* (1947-1956), tornando-se um de seus diretores. A parceria com Péricles Eugênio da Silva Ramos, também editor e colaborador da *Revista brasileira de poesia*, um dos “amigos de São Paulo” no dizer de João Cabral, será bastante longeva. Essa mesma revista, que teve 7 números publicados, será um dos assuntos mais frequentes na correspondência entre Cabral e Domingos.

Em 1947, Domingos Carvalho da Silva, nascido em 1915, portanto 5 anos mais velho do que Cabral, já possuía livro publicado, ao mesmo tempo que já se mostrava crítico bastante ativo com diversas colaborações em jornais – *Correio paulistano*, por exemplo. Em 1948, participou da organização do I Congresso Paulista de Poesia no qual, na condição de secretário, conforme já mencionado, formula o termo “Geração de 45”, fato que faz Luciana S. Picchio, por exemplo, lembrar Domingos como o “inventor” da “Geração”. Domingos também atuou fortemente no Clube de Poesia, fundado em São Paulo em 1945 e consolidado a partir da revista e após o congresso. Entre a *Revista Brasileira de Poesia*, o Congresso e o Clube de Poesia há uma evidente simbiose, ou uma retroalimentação: a *Revista* fala do Congresso em sua breve existência, e também do Clube de Poesia, que publica, por sua vez, muitos dos autores citados na revista, além de promover cursos e conferências. Cabe destacar, entre essas atividades, o Curso de Poética promovido pelo Clube de Poesia, em 1952, com apoio da Secretaria de Educação e Cultura da cidade de São Paulo. Neste curso João Cabral proferiu a conferência “Poesia e composição: A inspiração e o trabalho de arte”, publicada em 1956 no sétimo e último número da *Revista*. Pode-se dizer que foi um período de bastante efervescência na cena literária paulista e que ainda precisa ser melhor estudado. Em 1965, Domingos Carvalho da Silva transfere-se para Brasília como professor de Literatura na UnB.

Esse balanço da poesia a partir da década de 1950 e da espécie de efervescência literária que se criou naquele momento também foi discutido por Sérgio Buarque de Holanda em artigo publicado originalmente no *Diário carioca*, em 06 de agosto de 1950:

Nunca, talvez, se escreveu tanto verso entre nós como hoje e sobretudo nunca se discutiu tão ardentemente sobre os mistérios da poesia. Agora, mais do que nos dias do modernismo de combate, constituem-se à volta dela e dos seus problemas grupos de lutadores aguerridos e dispostos a defender seus princípios até às últimas consequências. (HOLANDA, 1996, p. 238).

No artigo, Sérgio Buarque comenta brevemente as escolhas poéticas de João Cabral de Melo Neto, dos “colaboradores da revista *Orfeu*” e, sobretudo, analisa elementos de proximidade, bem como de afastamento da poesia de Domingos Carvalho da Silva em relação às propostas estéticas da “Geração de 45”, com foco no livro *Praia oculta*, de 1949, elogiado por Cabral, como vimos. Sérgio Buarque lembra que prefere a prática em relação às “teorias estéticas”, sentido no qual prefere “o poeta de *Praia oculta*” ao que ele chama de “doutrinador infatigável” (HOLANDA, 1996, p. 239), tal como o próprio Cabral já aventara em uma das cartas, que citaremos à frente. Em relação a João Cabral de Melo Neto, Sérgio Buarque diz que lemas como “forma”, “disciplina” e “tradição” parecem nortear “a vontade de precisão e nitidez que o aproxima dos arautos europeus da poesia chamada ‘pura’”.

Há algumas questões gerais que perpassam toda a correspondência de Cabral para Domingos, destacando-se a edição de revistas e antologias – mesmo que elas permaneçam no plano da “virtualidade”, sem sair do campo das ideias – um assunto que provoca sempre alguma cumplicidade, um tom de intimidade em uma espécie de conversa entre editores, que, por vezes, parece deixar ecoar nas entrelinhas algo como: “você sabe do que eu estou falando”. Existem os convites e comentários (que parecem ser recíprocos) acerca da participação em eventos (I Congresso Paulista de Poesia, por exemplo), ou do convite de Domingos para que Cabral integre a comissão editorial da *Revista Brasileira de Poesia* (aceito, diga-se); ou da publicação em livros e antologias, bem como em revistas (no caso de Cabral, na *Revista brasileira de poesia*).

Em uma das cartas a Domingos Carvalho da Silva, em 1949,<sup>8</sup> João Cabral comenta a revista que estava organizando, *O cavalo de todas as*

---

<sup>8</sup> Carta de 11 de novembro de 1949. A data manuscrita na carta em questão é “11.11.941”, outro equívoco evidente, se considerarmos as informações discutidas por Cabral, como a referência aos “poetas de 45”.

*cores*,<sup>9</sup> ideia discutida com maiores detalhes, por correspondência, com Clarice Lispector e Manuel Bandeira. A revista, no entanto, fora editada apenas em 1950 na prensa manual que João Cabral adquirira na Espanha, e com tiragem de aproximadamente 200 exemplares. Para a sua revista, Cabral publicaria 9 canções católicas, de Pedro Homem de Melo; *A bomba atômica*, de Vinícius de Moraes (segundo ele, escolhida “expressamente para compensar aquele “católicas” das canções de Pedro Homem de Melo); um ensaio de José Régio; poemas de Santos Torroella, “combatente anti-franquista a quem o franquismo obrigou a se entregar a atividades mais desinteressadas (crítica de arte, etc)”, diz Cabral; e traduções de poetas catalães, feitas pelo próprio Cabral. Vale lembrar que Cabral ainda traduzira poesia catalã para o número 4 da *Revista brasileira de poesia*, publicada em fevereiro de 1949.<sup>10</sup> Tanto as traduções da poesia catalã, quanto a inclusão de poemas de Santos Torroella n’*O cavalo de todas as cores*, são atividades politicamente interessadas e expressas em mais de uma carta.

No entanto, para além das questões editoriais (que são também determinantes de uma linha de pensamento privilegiada pelo poeta), na mesma carta de 1949, Cabral aponta a Domingos a necessidade de definição mais aguda da noção de “Geração de 45”. Diz ele:

e desde já me ocorre uma colaboração que você podia mandar [para a revista *O cavalo de todas as cores*]: organize uma antologia do que você chama o 45 e me mande. Para seu governo, esclareço: cada colaboração compreende 7 páginas e cada página 25 linhas. Seria possível escolher 7 poetas, e de cada um poema de menos de 25 linhas para dar uma ideia do 1945? [...] Seria interessante ter seu nome, apesar de você estar incluído entre os poetas. Explico-me: você parece ter uma ideia clara do que é esse 1945 e publicar textos é mais esclarecedor do que explicar teoricamente.

---

<sup>9</sup> Sobre a revista *O cavalo de todas as cores*, João Cabral afirma que não seria uma “revista de ação” – dada sua tiragem pequena e suas dimensões “pouco volumosas”, mas deveria, de alguma forma, chegar às mãos dos intelectuais brasileiros. Para cumprir essa função, Domingos Carvalho da Silva seria o representante dessa “coisa” (termo empreendido por Cabral para se referir à revista) no Brasil.

<sup>10</sup> As tratativas sobre a publicação dos 15 poetas catalães precedidas de uma apresentação por João Cabral ocuparam as três cartas enviadas por Cabral em 1948.



De alguma forma as questões em torno da ideia de “Geração de 45” irão passar todo o período da correspondência entre João Cabral e Domingos Carvalho da Silva – tanto a suposta “antologia” que Cabral solicita a Domingos, como uma espécie de tensão em torno da dicção poética que se propunha naquele momento, e mesmo uma dúvida em relação à possibilidade de haver alguma dicção efetivamente comum. Assim, as cartas trocadas entre João Cabral e Domingos permitem uma tentativa de reconfigurar aquele cenário, de modo que se definam os principais sujeitos envolvidos em torno do termo “Geração de 45”, e que seja possível vislumbrar as possíveis relações estabelecidas com os então “modernistas”, bem como algumas implicações e critérios utilizados a partir do termo “Geração”, dando amplitude e desenvolvimento às questões levantadas por Benedito Nunes no ensaio já citado. Questões que, entre os missivistas, são delineadas aos poucos, conforme a conversa (embora de mão única) entre Cabral e Domingos vai tomando forma.

## 1 O grupo de 45

De Barcelona, enquanto escrevia seu artigo sobre Miró e debruçava-se sobre um poema longo, citado em carta de 16 de outubro de 1948 e cujo nome não menciona (muito possivelmente que fosse *O Rio*),<sup>11</sup> Cabral preparava sua tradução de poesia Catalã para a *Revista brasileira de poesia*, e pedia a Domingos, como já mencionamos, que preparasse uma antologia de 10 poetas, segundo Cabral: “de nossa geração”. Se Domingos desejasse, por questão de “escrúpulos” (tendo cunhado o termo “Geração de 45” e sendo o possível organizador da antologia, conforme lembra Cabral), poderia solicitar que Antonio Candido, Sergio Milliet ou outro “crítico de confiança” desempenhasse tal função. Uma proposta que reverbera a mesma conduta discreta e extremamente delicada de Cabral ao longo das cartas: na maneira como se refere às suas produções, aos contatos e pedidos de favores e, principalmente, à imagem prestigiosa naturalmente criada em torno de sua figura então duplamente diplomática – não só profissional, mas crítica e poeticamente.

---

<sup>11</sup> O poema *O Rio* só seria publicado em 1954, ano em que Cabral está residindo no Brasil e participa do Congresso Internacional de escritores e do Congresso Brasileiro de Poesia, ambos realizados em São Paulo.

Lentamente, forma-se, assim, um grupo de nomes a partir do “45”, até que o número IV da *Revista brasileira de poesia* – número em que João Cabral tem suas traduções publicadas – informa que seu conselho consultivo passaria a ser integrado também por outros poetas: Bueno de Rivera, José Paulo Moreira da Fonseca, Ledo Ivo e João Cabral de Melo Neto.<sup>12</sup> Da mesma forma, em outro momento,<sup>13</sup> Cabral parabenizaria Domingos pela adoção de Vinícius de Moraes na “família”, sem expressar ao certo de que “família” se tratava e quais os critérios ou os vínculos que a definiriam. Um ponto de fuga, e talvez, de possível resposta, esteja na série de artigos escritos por Cabral para o *Diário Carioca*, em 1952, agrupados sob o título geral de “A geração de 45”.<sup>14</sup> Nos artigos em questão, João Cabral adota um tom nada inflamado para lidar com o tema (ao contrário de Domingos, em sua conferência *Há uma nova poesia no Brasil*, de 1948, no I Congresso Paulista de Poesia), privilegiado, possivelmente por alguma distância temporal em relação a Domingos, que ele mesmo assegura vantajosa em se tratando de perspectiva crítica sobre a poesia. Característico de sua discrição crítica e poética, João Cabral não menciona nenhum nome de poeta, mas traz à discussão as implicações de um possível conceito de “geração”. A ideia defendida por Cabral é de que pensar em termos de “geração” implica, inevitavelmente, uma perspectiva temporal, e, sobretudo, uma ideia de sensibilidade poética, especialmente, face à recepção, à leitura de poesia. Nesse sentido, para ele, os poetas de 1930 estariam em vantagem em relação aos de 1945 ao se depararem com um cenário extremamente “em branco”, isto é, amplo de possibilidades – legado, de algum modo, modernista: a criação era livre. Em uma situação diversa, os poetas da década de 1940 em diante encontraram uma sensibilidade já formada, isto é, um leitor já certo de expectativas. E a elas, tais poetas deveriam se adaptar para aos poucos encontrar uma voz própria. Segundo Cabral, é exatamente nesse ponto em

---

<sup>12</sup> Segundo nota na própria edição n. IV da *Revista brasileira de poesia*, a ampliação do conselho consultivo ocorria no sentido de que a revista pudesse se transformar em “expressão nacional do atual momento da poesia brasileira”. Cf. *Revista brasileira de poesia*, n. IV, p. 67.

<sup>13</sup> A referência é a uma carta sem data, cujo contexto das informações contidas indicam se tratar do ano de 1949.

<sup>14</sup> Para outras perspectivas do “grupo de 45” orientadas a partir da correspondência de Domingos Carvalho da Silva ver: BASTOS, L. R. Para Domingos: as cartas, os amigos, a literatura. *Boletim de Pesquisa Nelic*. Florianópolis, v. 17, n. 27, p. 31-40, 2017.

que se dá o choque, pois, para muitos poetas, haveria uma necessidade de ruptura, de quebra radical, enquanto, para ele, tudo seria uma questão de tempo e exercícios: de leitura, de crítica e de poesia.

É, no mínimo, um tanto curioso o fato de Cabral sequer mencionar para o “amigo de geração”, Domingos Carvalho da Silva, a série de artigos que escrevera.<sup>15</sup> Mas além de determinarem a perspectiva de Cabral sobre os rumos da poesia brasileira e sobre a importante noção de sensibilidade poética, e também apontarem sua preocupação com o leitor (que ele desenvolveria em “Da função moderna da poesia”, em 1954), os textos deixam entrever uma tentativa de apaziguar um possível embate criado não apenas a partir da conferência de Domingos, mas muito a partir da postura de alguns poetas (que, em algum momento, passaram a ser frequentadores do Clube de Poesia de São Paulo, amigos de Domingos etc).<sup>16</sup>

Por um lado, não há dúvidas de que Cabral se vê completamente parte desse grupo devido a um elo muito mais temporal e também de grande preocupação com os caminhos da poesia, com o fazer poético, com o ato de criação, do que por qualquer espécie de afinidade poética de fato. Muitas vezes Cabral deixa escapar seu olhar seco sobre um fazer inevitavelmente “pedregoso”, e não deixa de elogiar a capacidade de concisão e objetividade de Domingos em algumas situações – por exemplo, na já mencionada tradução de Neruda: “sem excesso de palavras”, afirma em missiva de 19 de fevereiro de 1946. Em outra ocasião, deixa evidente seu pertencimento a um “nós”, ao mesmo tempo que evidencia sua preocupação com os rumos da poesia brasileira naquele momento. Agradecendo o envio de *O livro de Lurdes*, publicado por Domingos, diz em 15 de março de 1952: “sua poesia me interessa cada dia mais, agora que estou sentindo o beco sem saída daquele intelectualismo antigo. Pois V. foi, de todos nós, o menos seduzido pelo puro formal.”

Cabral também deixa claro o compromisso assumido com a noção de geração. Vale rever o dito em 1950: “essa é mesmo a melhor qualidade

---

<sup>15</sup> Note-se que não houve cartas em 1951, quando Cabral fora removido para o Consulado de Londres, e apenas uma carta é datada de 1952, ano em que Cabral teve de retornar ao Brasil e responder a inquérito por subversão.

<sup>16</sup> Posturas expressas em conceitos e ideias como “poesia neomodernista”, por exemplo. Cf. *O neomodernismo*, de Péricles Eugênio da Silva Ramos. *Revista Brasileira de Poesia*, n. 1, 1947.

que se pode encontrar num poeta de nossa idade: verificar que melhora. Porque, que coisa mais desanimadora receber, de um amigo, um livro que mais parece um pedaço do último que nos mandou?”. Ou seja, a qualidade a que se refere Cabral é a que vem com o tempo, com o amadurecimento do trabalho de poeta, mas que se necessita renovador dentro de sua própria produção. Essa postura fica explícita na eleição de certa tradição da poesia brasileira. Além do fragmento já citado anteriormente, em que Cabral elege Bandeira, Drummond, Schmidt e Murilo, em outra carta, de 26 de setembro de 1957, ao mesmo tempo que se diz indiferente em relação à poesia anterior à poesia modernista, destaca, entre os modernos, os nomes de “Oswald, Mario e Jorge de Lima; e de Augusto dos Anjos”.

Cabral vai quase naturalmente enfraquecendo esse vínculo que, conforme é possível verificar agora, fora de algum modo por ele mesmo criado. Diz ele: “a literatura de língua portuguesa viveu em decadência desde Gil Vicente até o Modernismo... brasileiro”, sem esconder sua descrença na literatura brasileira e relacionando o avanço da idade à possibilidade de “descobrir os encantos de nossos antepassados”. Em 29 de agosto de 1956 (ano que culmina com a Exposição Nacional de Arte Concreta), após afirmar-se incapaz de fazer o soneto que Domingos lhe encomendara para uma antologia, conforme afirma: “o jeito é a antologia sair sem minha experiência sonetística. Pois, parabéns à Antologia!”, Cabral se mostra “curioso para ver ‘quarenta e cinco’”. E continua: “Veja se leva mesmo a ideia à frente. Posso mandar colaboração – prosa, de preferência (Não é, aliás, prosa, o que preferem os editores de todas as revistas de poesia?)”. Mas o vínculo vai se mostrando enfraquecido, ainda, em carta de 15 de fevereiro de 1960, quando diz: “Espero que os muitos amigos da geração de 45 continuem ainda capazes de boa poesia”.

## **2 Cabral e Domingos, o espaço das missivas**

A história paralela construída com a leitura das cartas de João Cabral para Domingos permite, portanto, reler e reescrever a história já conhecida em torno desses “poetas de 45”, e perpassar todo esse período, ressignificá-lo em torno de um pensamento com a poesia – e sua defesa –, a partir das impossibilidades encontradas por todo um grupo de poetas que viu no embate crítico possivelmente a única forma de encontrar uma voz própria. Nem todos tinham a aparente tolerância de João Cabral, que, mesmo

assim, não escondia os sinais de cansaço já nas últimas cartas guardadas nas pastas de Domingos.

Ao longo da leitura dessa correspondência torna-se evidente, portanto, a postura diplomática de João Cabral para abordar os assuntos relativos ao meio literário. Verifica-se, também, um leve desnível entre seu discurso crítico à época<sup>17</sup> – que procura relativizar o surgimento de uma “geração”, assim nomeada e defendida por determinados poetas –, e seu discurso de poeta – formalizado nas correspondências e de algum modo identificado com aquele de alguns dos poetas da então “nova poesia”, participantes do Clube de Poesia de São Paulo, do qual João Cabral também fazia parte contribuindo com pagamentos para o Clube. Trata-se, então, de uma identificação e uma conexão de viés mais crítico e editorial, e menos relativo aos procedimentos e questionamentos próprios do fazer poético, daquilo que diria respeito à confecção do poema propriamente dito. Cabral não envia poemas ou versos para Domingos, tampouco solicita sua opinião sobre seus textos e poemas, reservando-se o direito de manter comentários predominantemente reflexivos, por vezes quase impositivos, no que diz respeito ao ofício de poeta – “Que pesado que é escrever prosa!”, comentaria ele, na carta de 23 de outubro de 1948; ou, muitos anos depois, em 06 de dezembro de 1965, atestaria a necessidade de “adiar a poesia” por mais uns dias, por estar muito cansado e precisar “realmente descansar”.

Não se pode deixar de considerar, porém, que toda a carta é, ainda, um espaço de falsificações de subjetividades, de permissões e concessões, ou de elaboração de *personas*, como sugere Marcos Antonio de Moraes (2007), ao analisar a missiva de Mário de Andrade. O crítico e pesquisador lembra a análise de Manuel Bandeira acerca das cartas de Mário de Andrade – retomada anteriormente, da mesma forma, por Silviano Santiago (2006) – que entende tal correspondência como um retrato fidedigno de Mário para Bandeira. Marcos Antonio de Moraes diz que as cartas

conseguem esboçar tanto um possível retrato como a máscara desejada. [...] A carta atualiza-se invariavelmente como *persona* e discurso narcísico. E a verdade que eventualmente contém – a do sujeito em determinada instância, premido por intenções e desejos –

---

<sup>17</sup> Estamos nos atendo às tentativas de elaboração crítica da “Geração de 45” em torno do período abrangido pelas correspondências. As considerações posteriores de Cabral acerca da geração de 45 não são objeto de análise aqui.

é datada, cambiante e prenhe de idiossincrasias. (MORAES, 2007, p.116, grifo do autor.)

O pensamento de Marcos Antonio de Moraes nos leva a perceber, então, a possível criação de *personas*, como espécies de sujeitos-outros, forjados de acordo com a imagem desejada – tanto pelo remetente, o qual pode desejar provocar certas impressões; bem como pelo destinatário, o qual pode forçar a identificação de determinada imagem e elementos que atendam uma expectativa prévia em relação a seu correspondente. Ou seja, os sujeitos envolvidos nas missivas tomam forma a partir de um jogo de mão dupla, uma abertura e exposição ao outro sempre na iminência da dissimulação.

É possível entender um pouco desse movimento a partir de uma afirmação de João Cabral na carta escrita em 06 de dezembro de 1965, quando diz, por exemplo:

Isto que você diz de poeta vitorioso e bela carreira é engano. Não tenho bela carreira nenhuma [...] Mas não tenho esperanças que chegue à classe de Ministro e Cônsul Geral. Quanto a poeta vitorioso: os ecos dos aplausos – se há aplausos, se minhas vitórias não são de *club impopular* (sic) como o América, *p.ex* – não chegam até cá fora (nem as vaías, tampouco). (Grifo nosso)

Se, na visão de João Cabral, a carreira de “poeta vitorioso” estaria atrelada a um reconhecimento efetivo na Europa (mesmo já sendo poeta premiado, e tendo lançado em 1960 o livro *Quaderna*, em Lisboa), ela se realizaria um ano depois, em 1966, quando Cabral recebe vários prêmios e tem a peça *Morte e Vida Severina* encenada não só em diversas cidades brasileiras, mas, também, em Nancy, Paris, Lisboa, Coimbra e Porto. Uma adaptação do auto ainda seria encenada em Lisboa. Por fim, em 1967, Cabral assume o cargo de cônsul-geral em Barcelona. Todos esses fatos podem determinar o ar de modéstia das afirmações de Cabral, sem deixar de reverberar, porém, uma *mise-en-scène*, para utilizar a expressão cara a Marcos Antonio de Moraes (2007) quando lembra a possibilidade de encenação que toda carta autoriza.

Pelas indicações das cartas, Cabral e Domingos se encontraram pessoalmente em poucas ocasiões. Algumas cartas de Cabral lamentam os desencontros, mesmo em períodos em que Cabral, morando na Europa, vinha para o Brasil passar alguns meses. Mesmo assim, essa relação construída,

sobretudo, nas linhas de uma correspondência trocada, às vezes, ano a ano, evidencia a possibilidade de abertura ao outro, e, até mesmo, um desejo de escuta. Cabral se faz ouvir na mesma medida em que deseja escutar o outro. E favorece a exposição, mesmo não sendo de pura subjetividade, na medida em que se trata de uma exposição fragmentária, na qual apenas algumas faces do sujeito são dadas a ver, faces essas, importante lembrar, sempre sujeitas à encenação. À procedência e natureza dessa exposição, que Silviano Santiago (2006) nomeia “amizade”, seria possível acrescentar a divergência, e sua existência em permanente tensão, conforme verificamos nas cartas. Ou seja, a exposição e a possível configuração de um sujeito nas cartas de Cabral para Domingos ocorre pela possibilidade de haver uma amizade e uma divergência tensa porém familiar – sem perder de vista o fato de que elas sempre nos autorizam, portanto, a falsificações e ficções, e que, quando arquivos, já passaram, primeiramente, pela economia da triagem de Domingos, e, posteriormente, pelo crivo da própria pesquisa, como sugere Jacques Derrida (2007) ao discutir a natureza das correspondências.

De qualquer modo, essa correspondência nos incita a repensar as relações na cena literária brasileira, especialmente no campo da poesia, para que se possa, quem sabe, reescrever essa história.

## Referências

BASTOS, L. R. Para Domingos: as cartas, os amigos, a literatura. *Boletim de Pesquisa Nelic*, Florianópolis, v. 17, n. 27, p. 31-40, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-784X.2017v17n27p31>

DERRIDA, J. *O cartão postal*. De Sócrates a Freud e além. Tradução de Ana Valéria Lessa e Simone Perelson. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HOLANDA, S. B. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária, 1948-1959*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. v. II.

MELO NETO, J.C. [Correspondência] Destinatário: Domingos Carvalho da Silva, 1946-1968. Arquivo particular.

MELO NETO, J.C. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Org. Flora Sussekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

MELO NETO, J.C. *Poesia completa e prosa*. Organização de Antonio Carlos Secchin. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

MORAES, M.A. de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2007.

NUNES, Benedito. *João Cabral: a máquina do poema*. Adalberto Müller (org.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

SANTIAGO, S. *Ora (direis) puxar conversa!* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SILVA, Domingos Carvalho da. *Rosa extinta*. Poemas. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.

STEGAGNO-PICCHIO, L. *História da literatura brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

Recebido em: 8 de novembro de 2019.  
Aprovado em: 19 de fevereiro de 2020.